



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA FRANCESA

LUANA MARIA DE SOUSA

O ENGANO DAS APARÊNCIAS NO CONTO “O COLAR”,
DE GUY DE MAUPASSANT

João Pessoa
2022

LUANA MARIA DE SOUSA

**O ENGANO DAS APARÊNCIAS NO CONTO “O COLAR”,
DE GUY DE MAUPASSANT**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras da Universidade Federal da Paraíba como
requisito para obtenção do grau de Licenciada em
Letras – Francês.

Orientadora: Profa. Dra. Philio Generino Terzakis

João Pessoa – PB
2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S725e Sousa, Luana Maria de.
O engano das aparências no conto "O colar", de Guy
de Maupassant / Luana Maria de Sousa. - João Pessoa,
2022.
25 f.

Orientação: Philio Generino Terzakis.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2022.

1. Maupassant, Guy de. 2. "O colar". 3. Personagem.
4. Teoria da narrativa. I. Terzakis, Philio Generino.
II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 821.133.1

LUANA MARIA DE SOUSA

**O ENGANO DAS APARÊNCIAS NO CONTO “O COLAR”,
DE GUY DE MAUPASSANT**

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras no Curso de Letras-Espanhol da Universidade Federal da Paraíba.

Data de aprovação: 15/06/2022

Banca examinadora:

Profª. Drª Philio Generino Terzakis
Orientadora
Universidade Federal da Paraíba

Profª. Drª Lavínia Teixeira Gomes
Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Vinícius Fernando de Farias Meira
Examinador
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, por não desistir de mim, e àqueles que me deram apoio moral e psicológico para que eu encerrasse esta etapa da minha vida.

RESUMO

O presente trabalho visa realizar uma análise do conto “O colar”, de Guy de Maupassant, enfatizando os desafios vividos por Mathilde Loisel na sociedade burguesa da França do século XIX, movida pelas aparências e pela ostentação do sucesso financeiro. Para isso, apresentamos uma breve exposição do contexto da época, com o objetivo de melhor compreender as transformações ocorridas naquela sociedade e que foram representadas na literatura produzida no período. Logo depois, trazemos, além de uma pequena biografia do autor, a fundamentação teórica do nosso trabalho, representada por elementos de teoria da narrativa. Em seguida, apresentamos uma análise do conto, a partir da categoria narrativa da personagem. Apesar de datado do século XIX, o conto “O colar” apresenta problemáticas que continuam presentes na sociedade, como a busca pela aceitação do outro por meio das aparências e do poder do dinheiro. Atualmente vivemos esse contexto em um âmbito mundial, pois estamos conectados pela internet. Esta pesquisa é de caráter bibliográfico e foi realizada, sobretudo, com base em conceitos da teoria narrativa. Esperamos, com este trabalho, realizar uma contribuição, ainda que modesta, aos estudos de literatura e de Guy de Maupassant, que é considerado um dos maiores contistas do mundo.

Palavras-chave: Guy de Maupassant; “O colar”; Personagem; Teoria da narrativa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 MAUPASSANT E “O COLAR”: UMA SOCIEDADE EM TRANSFORMAÇÃO...9	
1.1 A FRANÇA DO SÉCULO XIX.....	9
1.2 “O colar”: Cinderela às avessas.....	11
1.3 Maupassant: sucesso e pessimismo.....	12
2 O CONTO E O PERSONAGEM: ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES.....	14
3 MATHILDE MOISEL: UMA CINDERELA AO CONTRÁRIO?.....	16
3.1 Características da personagem.....	16
3.2 O jogo das aparências.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, será possível ver um recorte sobre a sociedade burguesa na França do século XIX, retratada no conto “O colar”, de Guy de Maupassant. A proposta deste trabalho é levantar uma discussão sobre as aparências sociais presentes na sociedade, mas que tomaram maior proporção desde o desenvolvimento econômico da burguesia, relacionando essa questão com a sociedade atual.

Para nossa análise, foi escolhido um conto, no qual é possível identificar os aspectos da sociedade burguesa relacionados à supervalorização da aparência, transmitida para a sociedade como indicativo de prestígio social. A escolha desse conto se deu em razão de nossa atuação no mundo da moda, o que nos despertou a curiosidade a respeito das vestimentas e de seu papel na França do século XIX. Dessa forma, pudemos unir a língua e a literatura francesas com nossa experiência profissional.

Será feita, portanto, uma análise da forma e do conteúdo do conto e, para tanto, escolhemos a categoria narrativa da personagem. Nossa reflexão se apoia em elementos de teoria da narrativa, da história da literatura e também em aspectos da História francesa.

No primeiro capítulo, apresentaremos algumas informações sobre o contexto político, econômico e social da França do século XIX. O capítulo seguinte será destinado a apresentar a fundamentação teórica que representa o embasamento de nossa pesquisa. Por fim, no terceiro capítulo, traremos nossa análise do conto de Maupassant, seguida de nossas considerações finais.

Acreditamos que nosso trabalho propõe uma discussão relevante, pois, apesar de analisarmos um texto datado do século XIX, ele aborda uma temática extremamente atual, expondo a futilidade contida na sociedade, uma característica que atravessou os séculos e permanece até hoje entre nós.

1 MAUPASSANT E “O COLAR”: UMA SOCIEDADE EM TRANSFORMAÇÃO

1.1 A FRANÇA DO SÉCULO XIX

A França do século XIX passou por diversas transformações. O início desse período está marcado pela derrota de Napoleão em Waterloo (1815), na qual ele perde o império francês para Luís XVIII. Já o final do século (1889) tem como marco a construção da Torre Eiffel, representando as transformações sociais, políticas e econômicas no modo de vida francês (BOUTET; LESGGY, 2015). É importante ressaltar que esse monumento foi construído na ocasião da Exposição Universal de 1889 – essas exposições traziam para o público as grandes invenções e descobertas da época.

Assim, setenta e quatro anos depois da queda do império de Napoleão, a França passou de um país tradicionalmente agrícola para um moderno país industrial, aumentando rapidamente sua capacidade produtiva. A vida no campo melhorou com a mecanização dos processos agrícolas, e o consequente aumento da produção e do comércio. Essa mudança também proporcionou uma melhor alimentação.

Este também foi um século de turbulências políticas. Em 1848, finalmente instalou-se a república (Segunda República) como regime governamental. É importante lembrar que, depois da Revolução Francesa (1789), a aristocracia continuou tentando voltar ao poder, sendo rechaçada pelos republicanos em 1830 e 1848. Em 1852, Napoleão III dá um golpe e instaura o Segundo Império, que termina em 1870, com sua renúncia e a criação da Terceira República.

Com a instalação da república como sistema político, vieram outras conquistas, como a liberdade de expressão e a abolição da escravatura. Os franceses votaram pela primeira vez e elegeram o primeiro presidente da república, Louis Napoléon Bonaparte (1848 a 1852), cujas medidas contribuíram para que usineiros, banqueiros e comerciantes prosperassem.

É nesse quadro de transformações que os burgueses enriquecem e ascendem socialmente. Com a revolução do carvão, surgiu um novo trabalho nas minas de extração, onde crianças e adultos trabalhavam em condições sub-humanas, ganhando salários miseráveis. Aparece, então, uma nova classe social: os operários.

Com isso, os burgueses começaram a esbanjar e mostrar todo o seu poder aquisitivo: suas mulheres muito bem vestidas, suas casas muito bem arrumadas e jantares cheios de etiquetas, fazendo com que os cidadãos menos favorecidos também desejassem aquele novo

estilo de vida. Além dos eventos sociais já conhecidos, surgem novos hábitos na população, como os banhos de mar, que influenciaram o vestuário da época.

Mas nem tudo são flores. Em 1852, quando foi instaurado o Segundo Império, a França passa por tempos difíceis, que incluem até uma epidemia de cólera e a expulsão das pessoas menos favorecidas para as periferias. O início da Terceira República e o fim definitivo do sistema monárquico, em 1870, foi marcado pela derrota de Napoleão III pelos alemães e pela Comuna de Paris – considerada como uma das mais importantes revoltas populares do século XIX.

De qualquer modo, nesse século, a França se tornou sinônimo de modernidade em vários aspectos, incluindo grandes transformações no transporte (trem), na higiene, nas invenções (bicicleta e fotografia), na medicina (Luís Pasteur), nos hábitos (banhos de mar), e assim por diante. E importante: as mudanças ressaltaram a possibilidade de um homem mudar de classe social. Darcos (1992, p. 275) afirma: “Os grandes ideais revolucionários e, em seguida, a epopeia de Napoleão, mostraram que homens, vindos do nada, podiam conhecer um destino extraordinário”.

A moda da época foi diretamente influenciada pela burguesia: os belos vestidos e joias que as mulheres da época usavam nos bailes viraram objeto de desejo de toda a população feminina, e os homens também passaram a se vestir de acordo com a moda. É então que surge a vestimenta do homem burguês “trabalhador”: o fraque. Elegante, mas despojado, o terno do homem do século XIX é bem diferente da ostentação das vestes aristocráticas. Nesse momento, a indústria da moda começa a se desenvolver, surgindo um novo tipo de comércio – a invenção dos *shopping centers* data dessa época, com a inauguração, por exemplo, do “Bon Marché”, em Paris.

Nesse contexto, os bailes eram, para as mulheres, um momento de diversão e, para os homens, o lugar onde eles fechavam negócios e conheciam pessoas influentes na sociedade. Eram bailes restritos à alta burguesia e a algumas pessoas que trabalhavam no governo. Tratava-se de um evento muito desejado pelas mulheres da época, que podiam exibir a riqueza de seus maridos e sua beleza.

No que diz respeito à religião, observa-se um retorno da população à Igreja Católica, apesar da oposição feroz dos revolucionários de 1789. Isso porque a situação instável gerada pela Revolução Francesa amedrontou o povo e provocou um resgate das práticas religiosas, com a valorização da Virgem Maria. Como a religião estava ligada à aristocracia, os republicanos trabalharam para diminuir a força da Igreja. Uma das medidas foi a reforma do

ensino de Jules Ferry (1881 e 1882), que tirou a educação das mãos dos padres e criando a moderna escola francesa.

Esse é o panorama nos qual se movem os personagens do conto de Maupassant que analisamos neste trabalho.

1.2 “O COLAR”: CINDERELA ÀS AVESSAS

O conto “O colar” (“La parure”, 1884) traz a história de Mathilde Loisel, uma jovem linda, educada e elegante, mas pobre. Ela se casara com um pequeno funcionário do ministério da educação do governo francês e, sonhadora de imaginação fértil, sofria imensamente pela falta do luxo que seu marido não podia lhe dar. Até deixara de visitar uma amiga da época de escola pelo sofrimento que essas visitas lhe causavam, uma vez que esta possuía as riquezas que ela tanto desejava em sua vida.

Certo dia, seu marido, o senhor Loisel adentrou em sua residência às pressas, portando um convite de baile oferecido pelo ministro da educação e sua esposa. Entretanto, a mulher não se animou, pois sua miséria não a deixava possuir belos vestidos de baile e nem joias. Mas seu bom marido lhe deu a quantia de 400 francos para que ela conseguisse um bom vestido. Deu-lhe ainda a ideia de pedir emprestada uma joia de sua amiga rica, Jeanne Forestier. Esta lhe emprestou, com prazer, um colar de diamantes.

Com isso, Mathilde conseguiu o feito de ser a mulher mais aclamada e desejada de toda a festa. Ao fim do evento, ela se esgueirou com seu marido, fugindo do pobre casaco que ele portava e com o qual ele tentava protegê-la do frio da madrugada.

Ao chegar em casa, entretanto, Mathilde percebeu que perdera o colar de diamantes de sua amiga, e a angústia substituiu a alegria que ela sentira naquela festa. Seu marido saiu à procura da joia, mas retornou abatido, sem sucesso. Diante do fato, foi decidido que eles substituiriam o colar de diamantes sem que a dona o percebesse, e assim o fizeram. Compraram um novo colar, e Mathilde entregou-o a Jeanne. Para tal, foram adquiridas várias dívidas que deixaram o casal na completa miséria por duros e longos dez anos.

Em um domingo de folga nos *Champs Élysées*, Mathilde avistou a senhora Forestier, a qual não tinha visitado desde o evento do colar. Jeanne quase não a reconheceu devido aos maus tratos sofridos durante os dez anos de árduos serviços domésticos. A senhora Loisel resolveu contar, orgulhosa, o feito da substituição dos colares, ressaltando que sua amiga jamais o percebera. Nesse momento, a senhora Forestier revelou, chocada, que seu colar era apenas uma cópia e que não valia mais que 500 francos.

1.3 MAUPASSANT: SUCESSO E PESSIMISMO

Filho de pais separados, criado pela mãe e pertencente à aristocracia, Henri René Albert Guy de Maupassant (1850-1893) foi um discípulo aplicado do escritor Gustave Flaubert (1821-1880), com o qual aprendeu a escrever na adolescência e criou um afetuoso laço. Apesar de sua curta carreira de pouco mais de dez anos, pode ser considerado o maior contista francês da História da França, tendo publicado mais de 300 contos e seis romances (PILAGALLO, 2004).

Nascido na Normandia, no norte da França, Maupassant se muda para Paris aos 21 anos. Antes de fazer sucesso no mundo literário, ele levava uma vida discreta como funcionário público e era amante da prática de esportes ao ar livre e de aventuras amorosas. Seu primeiro feito na literatura foi o conto “Boule de suif” (“Bola de sebo”), escrito em 1880, quando ele já tinha 30 anos, um mês antes da morte de Flaubert. A partir de então, começa a escrever intensamente.

Maupassant retratou a França do final do século XIX, assim como buscou representar experiências de sua vida. Foi contemporâneo de Émile Zola (1840-1902) e conseguiu grandes sucessos literários, acumulando riquezas e fama. De acordo com Darcos (1992, p. 326), o escritor “[...] hesita entre o conto *noir*, do tipo ‘fantástico’, e o romance naturalista. Mais os dois gêneros se encontram pois ambos apresentam o real como agressivo, maldito, perverso”¹.

Influenciado pelo filósofo Schopenhauer (1788-1860), Maupassant tinha uma visão pessimista da vida. Ele acreditava, por exemplo, que o amor servia apenas para a perpetuação da espécie, deixando o ser humano cego diante de tudo. Darcos (p. 326-7) afirma: “O profundo pessimismo de Maupassant desenha, portanto, um mundo sem esperança (e ateu) onde cada criatura vive apenas para si mesma, obcecada pelo seu próprio desejo de viver”. Nesse século de tantas mudanças, Maupassant não está só ao colocar a sociedade e o real no foco de sua obra. É uma época em que os escritores se querem porta-vozes dos problemas sociais.

Essa visão de mundo do escritor foi influenciada também por Flaubert e Zola. Do primeiro, ele teria herdado o “ódio da ignorância humana”, e do segundo, “a observação clínica das alienações”² (DARCOS, p. 327). A forma de Maupassant ver o mundo está

¹ “[...] hésite entre le conte *noir*, de type ‘fantastique’, et le roman naturaliste. Mais les deux genres se rejoignent car tous deux présentent le réel comme agressif, maudit, pervers.” [Tradução nossa]

² “la haine de la bêtise humaine”, “l’observation clinique des alinéations”. [Tradução nossa]

retratada nas várias fases de sua obra, que incluem: o ciclo normando, temas da cidade e a loucura, como “Bola de sebo” (1880), “O colar” (1884) e “O horla” (“Le horla”, 1887) respectivamente. As três grandes correntes literárias do século XIX são: o Romantismo, o Realismo/Naturalismo e o Simbolismo. Pode-se dizer que Maupassant se liga sobretudo aos dois primeiros movimentos, em sua busca de mostrar a vida real de uma perspectiva pessimista.

Maupassant morre ainda jovem, aos 43 anos, provavelmente em decorrência de consequências da sífilis, que também lhe provocou uma doença mental. A partir de 1891, ele é internado e não recobra mais a lucidez. No ano seguinte, tenta até mesmo cortar a própria garganta. Apesar da sua curta carreira e vida, Maupassant influenciou escritores em todo o mundo, incluindo Henry James, nos Estados Unidos, e Isaac Bábel, na Rússia (PILAGALLO, 2004). Sobre ele, Darcos (p. 327) afirma ainda:

Seus contos mostram um universo sem objetivo ou sentido, onde tudo se desagrega. Os seres não conseguem se comunicar, a não ser para abusar uns dos outros. Em toda parte, reinam a agressividade, a guerra, o egoísmo, a loucura e a morte. Hesitando entre o desprezo sarcástico e a compaixão melancólica, o autor recusa qualquer moralidade. Da mesma maneira, ele não procura compreender os motivos psicológicos de seus personagens. Ele quer apenas *surpreender a humanidade em flagrante*, mantendo sua distância e sua frieza. Disso, resulta um curioso mal-estar que deixa o leitor diante de si mesmo.³

³ « Ses nouvelles montrent un univers sans but ni sens où tout se désagrège. Les êtres ne peuvent pas communiquer, sinon pour abuser d'autrui. Partout règnent l'agressivité, la guerre, l'égoïsme, la folie et la mort. Hésitant entre le mépris sarcastique et la compassion mélancolique, l'auteur se refuse à toute moralité. De même, il ne cherche pas à comprendre les mobiles psychologiques de ses personnages. Il veut simplement *surprendre l'humanité sur le fait*, gardant sa distance et sa froideur. Il en résulte un curieux malaise qui laisse le lecteur face à lui-même. » [Tradução nossa]

2 O CONTO E O PERSONAGEM: ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES

Com raízes na Antiguidade e na oralidade, o conto moderno se configurou no século XIX, tendo Guy de Maupassant como um de seus principais representantes. Juntamente com o romance e a novela, o conto representa um dos três gêneros básicos da prosa de ficção, apresentando características próprias. As principais: unidade de ação, unidade de lugar e unidade de tempo (MOISÉS, 2013). Ou seja, o conto tradicionalmente apresentaria uma única linha de ação, que se desenrola com destaque em apenas um local, sem muitas complicações cronológicas. Isso embora a grande variedade de contos existentes torne difícil sua definição e caracterização (GOTLIB, 1990).

Assim como o romance e a novela, o conto apresenta cinco elementos básicos: personagem, enredo, tempo, espaço e ponto de vista. Neste trabalho, escolhemos a categoria narrativa do personagem para orientar nossa análise, embora também seja necessário ressaltar o papel dos outros elementos. Essas categorias também podem ser chamadas “microestruturas” da prosa de ficção, representando os “ingredientes” da narrativa (MOISÉS, 2007, p. 86).

A palavra “personagem” vem do latim “persona”, significando máscara de ator de teatro (MOISÉS, 2013). De acordo com Cândida Vilares Gancho (2006, p. 17), o personagem é “[...] um ser fictício responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação”. É importante ressaltar que o personagem não é uma pessoa (BRAIT, 1993). Brait lembra que o personagem só existe por meio das palavras e apenas representa uma pessoa de modo ficcional.

De acordo com Gancho, os personagens podem ser classificados de acordo com sua função, como: a) protagonista, o personagem principal; b) antagonista, aquele que se opõe ao protagonista e que, muitas vezes, é o vilão da história; e c) personagens secundários, que são os figurantes da história, participando menos.

Quanto às suas características, os personagens podem ser planos ou redondos. Os personagens planos possuem características menos complexas e podem ser facilmente identificados. São subdivididos em: a) tipo, que tem características invariáveis, como a dona de casa, o sertanejo, etc.; e b) caricatura, que na maioria das vezes são personagens humorísticos, sendo suas características também invariáveis e cômicas.

Já os personagens redondos possuem características que os tornam mais complexos. Essas características podem ser físicas, psicológicas, ideológicas e morais, entre outras. Devemos lembrar também que esse tipo de personagem passa por diversas mudanças no

decorrer do enredo. Gancho (p. 24) afirma: “Ao se analisar uma personagem redonda, deve-se considerar o fato de que ela muda no decorrer da história, e que a mera adjetivação, isto é, dizer se é solitária, ou alegre, ou pobre, às vezes, não dá conta de caracterizar a personagem”.

A análise dos personagens, sejam eles de qual tipo for, deve ser estática e dinâmica ao mesmo tempo (MOISÉS, 2007). Na primeira, é realizada uma descrição completa do personagem, tanto física quanto psiquicamente. Já a análise dinâmica dá conta da evolução ou “movimento” do personagem ao longo da narrativa. Todos os tipos de personagem podem ser analisados estática e dinamicamente.

Como afirmamos acima, o personagem é responsável pelas ações existentes no enredo. Este nada mais é que os acontecimentos da história contada. Gancho lembra que ele também pode ser chamado de trama, intriga e até fábula. Para que o enredo possa ter sentido, deve existir um conflito, ou seja, algo que faça oposição ao personagem, construindo uma problemática que será ou não resolvida ao fim da história. É o conflito que determina as partes do enredo:

- a) Exposição: é o que situará o leitor dentro dos acontecimentos iniciais, personagens, tempo e espaço da história.
- b) Complicação: é o desenrolar do conflito, apresentado no início da história.
- c) Clímax: é o ápice do conflito.
- d) Desfecho: é a resolução da história, ou seja, é quando o conflito é solucionado, mesmo que não seja da melhor forma.

A terceira categoria narrativa a considerar é o tempo. O tempo está atrelado ao enredo do texto e tem vários níveis: a) a época em que a história é contada; b) a duração da história; c) o tempo cronológico (ordem natural dos acontecimentos na trama); e d) o tempo psicológico (na mente do narrador ou personagens). Gancho lembra que o tempo de uma narrativa é em geral fictício.

Já o espaço é onde as ações da narrativa são concentradas, ou seja, onde elas acontecem. Pode haver diferentes espaços ou um só. Sua função principal é influenciar as ações dos personagens ou passar por transformações promovidas por estes. O espaço pode ser descrito em passagens das narrativas ou apenas com indicações dentro do texto, que possam fazer o leitor identificar em qual tipo de espaço a história ocorre.

Caso trate-se de um “lugar” psicológico ou social, por exemplo, o espaço é chamado de ambiente. Este é uma mistura complexa de tempo e espaço, adicionados de um clima (aspectos socioeconômicos, morais, religiosos e/ou psicológicos). A função do ambiente é

evidenciar as condições em que vivem o personagem, externar as problemáticas em que o personagem está inserido, ou até mesmo se opor a eles.

Por fim, temos a presença do narrador, o responsável por construir a história. Este pode ser em primeira pessoa ou em terceira pessoa. Aqui só destacaremos o narrador em terceira pessoa, pois será o utilizado em nossa análise. Ele não participa dos fatos. Apenas conta como o enredo acontece e, portanto, é onisciente, isto é, tem conhecimento sobre todos os aspectos da história, e onipresente, pois sempre está em todos os espaços do enredo.

Para fins de nossa análise, devemos não apenas observar a estrutura das narrativas, mas também o tema, o assunto e a mensagem do enredo. Segundo Gancho (p. 34), o tema é “[...] a ideia em torno da qual se desenvolve a história”. Já o assunto é a “[...] concretização do tema, isto é, como o tema aparece desenvolvido no enredo” (p. 34). A mensagem, enfim, é “[...] um pensamento ou conclusão que se pode depreender da história lida ou ouvida” (p. 34), ou seja, é a conclusão inferida ao fim da história, podendo coincidir ou não com o que conhecemos como moral da história.

Essa mensagem seria o que Moisés (2007, p. 87) chama de “macroestrutura” da prosa de ficção. Trata-se da “esfera das realidades simbolizadas ou significadas”. Ele explica:

Na verdade, toda a tarefa da análise literária pretende o conhecimento da macroestrutura global de uma obra, e apenas ao realizá-lo poderá considerar-se terminada: a macroanálise final de um romance, novela ou conto permite conhecer tudo quanto passava despercebido ou obscuro, ao mesmo tempo que projeta dúvidas sobre recantos julgados, indevidamente, esclarecidos. (p. 89)

3 MATHILDE LOISEL: UMA CINDERELA AO CONTRÁRIO?

3.1 CARACTERÍSTICAS DA PERSONAGEM

A história do conto “O colar” acontece no século XIX, em um período de dez anos, na cidade de Paris – entre a casa dos Loisel, o local do baile e a avenida Champs Élysées. O narrador é em terceira pessoa, onisciente e onipresente, pois, embora não participe das ações, conta todos os fatos, estando presente em todos os acontecimentos. Mathilde é a personagem principal do conto “O colar”, pois as ações mais importantes do conto ocorrem em função dela.

No texto, podemos observar que o autor traz informações muito específicas a respeito de Mathilde: “Era uma dessas belas e charmosas moças, nascidas, como que por um erro do destino, numa família de empregados”⁴ (MAUPASSANT, 2012, p. 62). E logo depois:

Ela sofria sem parar, pois se sentia nascida para todas as delicadezas e todos os luxos. Sofria com a pobreza de sua casa, com a miséria das paredes, com o desgaste do estofado, e a feiura das poltronas. Todas essas coisas as quais qualquer outra mulher de sua casta não teria nem sequer percebido, a torturavam, a indignavam. A visão da bretã baixinha que limpava sua humilde casa despertava-lhe fortes lamentos desolados e sonhos exaltados⁵ (p. 62).

Trata-se de uma personagem redonda, uma vez que, no desenrolar do enredo, vemos que, não conformada com sua vida, ela busca maneiras de melhorar ou de pertencer a uma classe social mais elevada. Observamos ainda suas mudanças psicológicas no enredo do conto, como veremos mais adiante.

Toda história tem começo, meio e fim, porém devemos nos atentar ao conflito existente, pois esse é o elemento estruturador do enredo. No conto “O colar”, podemos facilmente identificar as partes desse enredo. Inicialmente, na exposição, o narrador nos apresenta uma visão geral das condições sociais da personagem, Madame Loisel, e em seguida uma descrição de todos os seus sofrimentos psicológicos:

⁴ « C'était une de ces jolies et charmantes filles, nées, comme par une erreur du destin, dans une famille d'employés » (MAUPASSANT, 2022, p. 33).

⁵ « Elle souffrait sans cesse, se sentant née pour toutes les délicatesses et tous les luxes. Elle souffrait de la pauvreté de son logement, de la misère des murs, de l'usure des sièges, de la laideur des étoffes. Toutes ces choses, dont une autre femme de sa caste ne se serait même pas aperçue, la torturaient et l'indignaient. La vue de la petite Bretonne qui faisait son humble ménage éveillait en elle des regrets désolés et des rêves éperdus » (MAUPASSANT, p. 33).

Ela não tinha dote, não tinha esperanças, nenhum meio de ser conhecida, compreendida, amada, desposada por um homem rico e distinto. Deixou-se casar com um pequeno funcionário público do Ministério da Instrução Pública⁶ (p. 62).

Madame Loisel era, portanto, uma mulher infeliz por sempre desejar mais do que tinha, sem perceber que suas posses representavam mais do que o que muitas pessoas de sua época possuíam. O enredo se complica a partir do momento em que seu marido chega em casa com um convite de baile que ela muito desejava. Seu marido fazia todo o possível para agradá-la, mas nunca era o suficiente:

Ora, um dia seu marido voltou para casa com ar glorioso, segurando um grande envelope.

– Olhe só! – Disse –Tenho uma coisa para você.

Ela rasgou vorazmente e tirou um cartão que continha as seguintes palavras:

“O Ministro da Instrução Pública e Sra. Georges Ramponneau têm a honra de convidar o senhor e a senhora Loisel para o baile no Palácio do Ministério, segunda-feira, 18 de janeiro.”

Ao invés de ficar feliz, como esperava seu marido, ela jogou desdenhosamente o convite em cima da mesa e murmurou:

– O que quer que eu faça com isso?

– Mas, minha querida, pensei que ficaria contente. Você nunca sai, e esta é uma ótima oportunidade. Tive uma dificuldade imensa para conseguir este convite. Todo mundo quer um, é muito cobiçado e não é oferecido com frequência aos funcionários. Você poderá ver todo o mundo oficial (p. 63-64)⁷

Com esse convite, madame Loisel percebera que não tinha nada de novo para usar no baile e nenhuma joia linda o suficiente para abrilhantar sua noite. Seu descontentamento só aumentava. Então, seu marido, vendo sua tristeza profunda, abriu mão de suas economias em favor da esposa, para que esta pudesse comprar um vestido. Porém o dinheiro não foi suficiente para que ela adquirisse uma joia valiosa para exibir no baile. Seu marido deu a ideia de pegar o objeto emprestado com sua amiga, madame Forestier.

O baile foi perfeito, ela se divertiu como nunca antes:

O dia da festa chegou. Senhora Loisel fez sucesso. Era a mais bonita de todas, elegante, graciosa, sorridente, e louca de alegria. Todos os homens olhavam-na,

⁶ « Elle n'avait pas de dot, pas d'espérances, aucun moyen d'être connue, comprise, aimée, épousée par un homme riche et distingué; et elle se laissa marier avec un petit commis du ministère de l'instruction publique » (p. 33).

⁷ « Or, un soir, son mari rentra, l'air glorieux, et tenant à la main une large enveloppe. —Tiens, dit-il, voici quelque chose pour toi. Elle déchira vivement le papier et en tira une carte imprimée qui portait ces mots: «Le ministre de l'instruction publique et Mme Georges Ramponneau prient M. et Mme Loisel de leur faire l'honneur de venir passer la soirée à l'hôtel du ministère, le lundi 18 janvier.» Au lieu d'être ravie, comme l'espérait son mari, elle jeta avec dépit l'invitation sur la table, murmurant: —Que veux-tu que je fasse de cela? —Mais, ma chérie, je pensais que tu serais contente. Tu ne sors jamais, et c'est une occasion, cela, une belle! J'ai eu une peine infinie à l'obtenir. Tout le monde en veut; c'est très recherché et on n'en donne pas beaucoup aux employés. Tu verras là tout le monde officiel » (p. 34)

perguntavam seu nome, procuravam lhe ser apresentados. Todos os membros do gabinete queriam valsar com ela. O ministro a notou.

Ela dançava embriagada, com entusiasmo, arrebatada pelo prazer, não pensava em mais nada, extasiada pelo triunfo de sua beleza, sua glória, seu sucesso, numa espécie de nuvem de felicidade feita de todos os tipos de elogios, de todas as admirações, de todos os desejos despertados, da vitória tão completa e tão doce para o coração das mulheres⁸ (p. 66).

O clímax desse conto acontece na volta para casa, quando madame Loisel perde o valioso colar de diamantes da amiga, madame Forestier:

Ela tirou as roupas com as quais cobrira os ombros diante do espelho, a fim de se ver mais uma vez na sua glória. Mas, de repente, deu um grito. O colar não estava mais ao redor do seu pescoço.

O marido seminu perguntou:

– O que foi?

Virou-se para ele, aflita:

– Não... não... não tenho mais o colar da senhora Forestier.

Ele levantou-se, apavorado:

– O quê? Como? Não é possível!

Procuraram nas dobras do vestido, nas dobras do casaco, nos bolsos, em todo lugar. Não o encontraram⁹ (p. 67-68).

Seu marido voltou rapidamente pelas ruas da cidade a procurar, mas foi em vão. Tentaram outras formas de reaver o colar, como anunciar em jornal, prometendo uma recompensa, entre outras coisas. No entanto, ao fim de uma semana, eles desistiram e resolveram procurar nas joalherias um colar parecido para substituí-lo e assim o fizeram, adquirindo uma alta dívida que demoraria dez longos anos para ser paga.

O desfecho dessa história acontece em um dia de domingo, na avenida dos *Champs Élysées*, onde madame Loisel, agora envelhecida pelo esforço do trabalho, avistou a ainda jovem madame Forestier passeando:

Ora, num domingo, ocasião que fora dar uma volta no Champs-Élysées para descansar das tarefas da semana, viu, repentinamente, uma mulher que passeava com uma criança. Era senhora Forestier, ainda jovem, ainda bela, ainda sedutora.

⁸ « Le jour de la fête arriva. Mme Loisel eut un succès. Elle était plus jolie que toutes, élégante, gracieuse, souriante et folle de joie. Tous les hommes la regardaient, demandaient son nom, cherchaient à être présentés. Tous les attachés du cabinet voulaient valser avec elle. Le ministre la remarqua. Elle dansait avec ivresse, avec emportement, grisée par le plaisir, ne pensant plus à rien, dans le triomphe de sa beauté, dans la gloire de son succès, dans une sorte de nuage de bonheur fait de tous ces hommages, de toutes ces admirations, de tous ces désirs éveillés, de cette victoire si complète et si douce au cœur des femmes » (p. 37).

⁹ « Elle ôta les vêtements dont elle s'était enveloppé les épaules, devant la glace, afin de se voir encore une fois dans sa gloire. Mais soudain elle poussa un cri. Elle n'avait plus sa rivière autour du cou! Son mari, à moitié dévêtu, déjà, demanda: — Qu'est-ce que tu as? Elle se tourna vers lui, affolée: — J'ai... j'ai... je n'ai plus la rivière de madame Forestier. Il se dressa, éperdu: — Quoi!... comment!... Ce n'est pas possible! Et ils cherchèrent dans les plis de la robe, dans les plis du manteau, dans les poches, partout. Ils ne la trouvèrent point » (p. 38).

Senhora Loisel sentiu-se emocionada. Falaria com ela? Sim, com certeza. E agora que pagara, contar-lhe-ia tudo. Por que não? Aproximou-se¹⁰ (p. 71).

Nesse encontro, ela resolve contar o que de fato aconteceu e se orgulha de a amiga nunca ter percebido a troca. Entretanto, o que sua amiga lhe diz é mais surpreendente: Senhora Forestier muito emocionada pegou-lhe as mãos: – Oh! Minha pobre Mathilde! Mas o meu era falso! Valia no máximo quinhentos francos!¹¹ (p. 72). Ela revela a madame Loisel que na verdade seu colar não era o que parecia ser, mas, sim, falso.

O conto ocorre em um ambiente de ascensão da burguesia, no qual as pessoas que tinham algumas posses financeiras já usufruíam de regalias e já era possível participar de eventos da alta sociedade. Além disso, o conto tem um ambiente psicológico muitas vezes representado pelos pensamentos melancólicos de madame Loisel.

Podemos afirmar que o tema de “O colar” gira em torno de elementos tais como: a pobreza, o amor e o dinheiro. Reconhecemos também o pessimismo de Maupassant na história da mulher de classe média baixa que se sente infeliz com tudo o que possui e busca sempre por algo a mais que a satisfaça. Essa busca incessante trouxe complicações severas para sua vida. Fica implícita a mensagem de devemos sempre nos atentar para o real valor das coisas e não para sua aparência.

3.2 O JOGO DAS APARÊNCIAS

No conto “O colar”, de Guy de Maupassant, podemos observar vários aspectos, entre eles a supervalorização das aparências presente na sociedade burguesa. Isso é retratado na personagem de Mathilde Loisel, uma jovem senhora de classe média baixa que sonhava com os luxos que o dinheiro poderia comprar, mas que, ao mesmo tempo, não se dava conta de vários dos privilégios que já possuía. Possivelmente, esse desagrado pelas próprias posses tenha sido induzido pela sensação da possibilidade de enriquecer. A burguesia pregava que todas as pessoas, independentemente de sua classe social, tinham a oportunidade de ascender social e financeiramente.

¹⁰ « Or, un dimanche, comme elle était allée faire un tour aux Champs-Élysées pour se délasser des besognes de la semaine, elle aperçut tout à coup une femme qui promenait un enfant. C'était Mme Forestier, toujours jeune, toujours belle, toujours séduisante. Mme Loisel se sentit émue. Allait-elle lui parler? Oui, certes. Et maintenant qu'elle avait payé, elle lui dirait tout. Pourquoi pas? Elle s'approcha » (p. 41).

¹¹ « Mme Forestier, fort émue, lui prit les deux mains. — Oh! ma pauvre Mathilde! Mais la mienne était fausse. Elle valait au plus cinq cents francs!... » (p. 42)

Seu marido era um funcionário público e ela, uma simples dona de casa, mas que tinha a possibilidade de ter uma *servante*, ou seja, uma mulher para ajudá-la nos afazeres domésticos. Dessa forma, senhora Loisel tinha bastante tempo livre para pensar em como sua vida seria melhor se possuísse tapetes luxuosos e lindas toalhas de mesa para exibir e demonstrar seu valor.

Esse sofrimento da personagem Mathilde por não ter luxos fez com que ela não mais visitasse uma amiga sua, a senhora Forestier, ao ver os luxos que a outra possuía e ela não. Essa busca por ter mais do que seu dinheiro poderia proporcionar trouxe consequências desastrosas para sua vida. Ela mal podia imaginar que a riqueza da senhora Forestier também escondia as aparências de um colar belíssimo, mas de diamantes falsos.

Talvez por esse motivo sua antiga colega de escola tenha emprestado a joia, pois sabia que, caso acontecesse algo com o objeto, não teria grande prejuízo, visto que Mathilde não tinha condições financeiras de arcar com um colar de alto valor. Talvez ela também achasse que a amiga pobre não precisava de diamantes verdadeiros. Talvez ainda a posse de belas joias falsas simplesmente fizesse parte da vida da classe abastada da época. Nesse ponto podemos ressaltar duas coisas: a inocência de Mathilde por achar que a amiga, por ser rica, só utilizava joias verdadeiras; e a sua falta de conhecimento sobre o assunto, pois foi incapaz de perceber que se tratava de uma bijuteria.

Podemos pensar nessa história da personagem Mathilde Loisel como o conto da “Cinderela” ou também como é conhecida, “Sapatinho de Cristal”. Entretanto, às avessas, pois, diferentemente de Cinderela, Mathilde Loisel teve sua noite fantástica com belos vestidos e joias, sendo cobiçada pela sociedade burguesa de sua época, mas seu sofrimento começa após o baile, quando ela perde o colar e resolve substituí-lo. A comparação de Mathilde com Cinderela não é uma novidade, como podemos observar, por exemplo, nas reflexões de Bernard Haezwindt¹², e a consideramos bastante pertinente.

Mathilde já possuía seu “castelo” e seu “príncipe”, mas não se dava conta da vida tranquila que levava e sempre ansiava por luxos, sem perceber que as pessoas às vezes não tinham riquezas de fato, aparentando ter muito mais do que o que realmente possuíam. Talvez por inocência ela não soube entrar no jogo das aparências da sociedade da época, que como dito antes, pregava a ascensão social de qualquer indivíduo através do próprio esforço.

¹² Bernard Haezwindt é autor do artigo “La parure de Guy de Maupassant ou l’intrusion du réalisme du XIX^e siècle dans le conte de Cendrillon”, ao qual, infelizmente, tivemos apenas acesso parcial em decorrência de limitações impostas pelo site. Disponível em: <<https://www.euppublishing.com/doi/abs/10.3366/nfs.2005-2.003?journalCode=nfs>>. Acesso em: 29 de mai. de 2022.

Na atualidade, não é muito diferente. Com o advento das redes sociais, as pessoas não se exibem mais apenas para as pessoas à sua volta, e sim para o mundo, tornando o jogo das aparências muito mais perigoso. Dessa forma, podemos perceber que embora a sociedade evolua, alguns costumes continuam, e apenas a forma e o meio como ocorrem se diferenciam. As fotos possuem os melhores ângulos e são usados aplicativos cheios de efeitos visuais que melhoram a pele, chegando até a eliminar partes do rosto. Este mostra-se praticamente irreconhecível quando visto pessoalmente.

Nesse contexto, pessoas adoecem de depressão por não terem um padrão de vida ou o corpo daquela personagem retratada na rede social ou simplesmente por não terem o celular de última geração e mais cobiçado pelos colegas. Tudo isso leva muita gente a distorcer a imagem de si mesmo, e a não reconhecer que às vezes já tem tudo o que precisa para viver bem, sem a obrigação de mostrar ao mundo suas posses e o que se passa em sua vida.

Assim como lá no início do conto podemos perceber aquela Mathilde melancólica por não ter o que gostaria, ao fim do conto, podemos constatar uma Mathilde sofrida pelo trabalho doméstico, mas mais ativa e com um senso de valor sobre o dinheiro melhor estabelecido, visto que ela mesma fazia as compras de casa e sabia o quanto custava cada centavo. Nesse ponto, já não se preocupava mais tanto com as aparências e sim com a sua sobrevivência e de sua família. No entanto, ela continuava a sonhar com aquela sua noite de glória, na qual foi cobiçada pelos homens da sociedade burguesa.

Senhora Loisel parecia velha agora. Transformara-se na mulher forte, dura e rude das famílias pobres. Despenteada, com saias de qualquer jeito, mãos avermelhadas, falando alto e lavando o assoalho com baldes d'água. Mas, às vezes, quando seu marido estava no escritório, sentava-se junto à janela e pensava naquela festa do passado, no baile em que fora tão bela e tão festejada
O que teria acontecido se ela não tivesse perdido o colar? Quem sabe? Quem sabe? Como a vida é peculiar, inconstante! Como é preciso pouca coisa para nos salvar ou nos arruinar¹³! (p. 70-71)

Acreditamos que, apesar dos sofrimentos decorrentes daquela noite, Mathilde lembrasse desse momento com carinho e saudades, e ao mesmo tempo agradecida por ter conseguido viver aquele instante fora de sua realidade. Lendo a história de Mathilde Loisel, retratada no

¹³ « Mme Loisel semblait vieille, maintenant. Elle était devenue la femme forte, et dure, et rude, des ménages pauvres. Mal peignée, avec les jupes de travers et les mains rouges, elle parlait haut, lavait à grande eau les planchers. Mais parfois, lorsque son mari était au bureau elle s'asseyait auprès de la fenêtre, et elle songeait à cette soirée d'autrefois, à ce bal, où elle avait été si belle et si fêtée. Que serait-il arrivé si elle n'avait point perdu cette parure? Qui sait? qui sait? Comme la vie est singulière, changeante! Comme il faut peu de chose pour vous perdre ou vous sauver! » (p. 41)

contanto, podemos concluir que talvez todos nós tenhamos um pouco de sua personalidade. Estamos muitas vezes querendo provar aos outros o que temos, o que queremos, o que somos. Entretanto, o que realmente precisamos é perceber o nosso valor enquanto ser único e singular, com defeitos e qualidades, e isso é o que nos torna únicos por mais que, às vezes, tenhamos semelhanças com outras pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos uma análise do conto “O Colar”, de Guy de Maupassant, a partir da categoria narrativa do personagem, e considerando as influências socioeconômicas do século XIX, o qual é retratado dentro do conto, por meio de seus elementos narrativos. Discutimos, assim, acerca das aparências sociais da época, influenciadas pela consolidação da classe social burguesa. Naquele momento, as pessoas começaram a desejar com mais ênfase a aquisição de bens materiais para exibi-los e mostrar seu valor social.

Nossa pesquisa nos permitiu concluir que o conto talvez represente essa busca pela melhor aparência social, que pode ter se acentuado com a ascensão da burguesia. Isso porque, a partir desse momento, as pessoas teriam passado a acreditar que eram capazes de acumular riquezas e de ingressar em um meio social mais elevado, mesmo não pertencendo a famílias tradicionalmente ricas ou não tendo “sangue azul” e títulos de nobreza, como aqueles pertencendo à aristocracia.

Essa busca pela demonstração de perfeição externa pertence à natureza humana e foi exposta por Mathilde e sua história. Ela pode nos trazer prejuízos, tanto psicológicos como financeiros, pois, frequentemente, tentamos sustentar uma aparência que não corresponde a nosso poder aquisitivo. No conto, Mathilde começa a dar mais valor à sua vida e às suas pequenas conquistas diárias, depois da experiência que viveu. Acreditamos que, assim como ela, devemos viver a vida: um dia por vez, festejando nossos pequenos avanços, sem tentarmos nos comparar aos outros.

Essa análise é apenas uma pequena contribuição aos estudos sobre os contos de Maupassant e, quem sabe, sirva de inspiração para futuras e merecidas pesquisas. Reconhecemos que o resultado de nosso trabalho esbarrou em limitações de tempo e de espaço, bem como na falta de um conhecimento mais aprofundado acerca do assunto. Nossa pesquisa representa, portanto, um pequeno recorte de um tema muito complexo, embora tenha sido, para nós, um exercício importante de leitura e análise literária.

Acreditamos ainda que nossa reflexão chama a atenção para um assunto sério e relevante em nossa sociedade atual: as aparências. Este continua sendo um tema que causa várias problemáticas sociais, levando a problemas psicológicos e financeiros aqueles que não conseguem se desvencilhar da necessidade de se colocar em uma vitrine para que o mundo possa julgar a sua vida.

REFERÊNCIAS

BOUTET, Marjolaine; LESGGY, Mac. **L'histoire au quotidien**: 19ème siècle, de Napoléon à la Tour Eiffel: le siècle qui a changé la vie des Français. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DSLfwbtsAJU>. Acesso em: 29 maio 2022.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1993.

DARCOS, Xavier. Le XIXe siècle. In : _____. **Histoire de la littérature française**. Paris: Hachette, 1992.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2006.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MAUPASSANT, Guy de. La parure. In : _____. **Contes du jour et de la nuit**. Sydney, NSW: Dimobook, 2022. *E-book* (150p.) (Guy de Maupassant Collection t. 7). ISBN: 1496035631.

_____. O colar. |In: _____. **O horla; A cabeleira; A mão; O colar**. Tradução de Paola Felts Amaro *et al.* Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2012.

MOISÉS, Maussaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: Cultrix, 2013.

PILAGALLO, Oscar. Guy de Maupassant: O auge do conto. In: _____ (org.). **Caderno entre livros**: Panorama da literatura francesa, Paris, 2004.